

## A Poesia Narrativa de Machado de Assis: “Pálida Elvira”, estudo de um caso

Prof. Dr. Marcelo Corrêa Sandmann (UFPR)\*

### Resumo:

*A proposta da presente comunicação é a de investigar a presença de recursos narrativos na poesia de Machado de Assis. O poema escolhido para análise, com o eventual recurso a trechos de outros poemas, é “Pálida Elvira”, do volume Faleas, um longo poema narrativo de 97 estâncias ao todo, todas elas rigorosamente vazadas dentro da forma da oitava-rima camoniana, com decassílabos heróicos, e imitando, com boa frequência, a dicção épica do poeta português (léxico, sintaxe, ritmo etc.). Como a análise procurará demonstrar, alguns recursos característicos da prosa madura do autor - como a paródia, o humor, a interlocução com o leitor, a digressão metaficcional - aparecem já, curiosamente, neste poema de 1870.*

**Palavras-chave:** Machado de Assis, Poesia Brasileira, Poesia Narrativa, Luís de Camões, Literatura do Séc. XIX

### Comunicação:

Machado de Assis iniciou sua carreira literária como poeta. O texto mais antigo de que se tem notícia é um soneto, saído a lume no “Periódico dos Pobres”, do Rio de Janeiro, em 3 de outubro de 1854, quando o escritor contava pouco mais de 15 anos.<sup>1</sup> No ano seguinte, em 1855, iria publicar com alguma regularidade na *Marmota Fluminense*, periódico editado por Paula Brito, somando um total de vinte e uma colaborações, exclusivamente poemas, vale ressaltar. Seria apenas em anos subseqüentes que a prosa, lentamente, começaria a concorrer com a poesia. Machado iria dedicar-se a escrever também textos de crítica literária e teatral, logo mais crônicas, contos, pequenas peças de teatro, para chegar ao romance somente em 1872, com *Ressurreição*. Desde seus primeiros esforços literários, portanto, até inícios da década de 1870, parte substancial das energias criativas do escritor estariam voltadas para a poesia.<sup>2</sup>

Machado publicou ao todo quatro livros exclusivamente dedicados ao gênero: *Crisálidas* (1864), *Faleas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias completas* (1901), este último contendo boa parte da poesia daqueles três primeiros volumes, mais uma reunião de poemas escritos posteriormente, que o escritor designou de *Ocidentais*. Mas, para além disso, é extenso o material que teve publicação apenas em periódicos durante a vida do escritor e que sairia em livro só depois de sua morte. Em volume recente, *Toda poesia de Machado de Assis*, organizado por Cláudio Murilo Leal, de um total de quase 750 páginas, pelo menos metade diz respeito a esse material não contemplado em publicações pelas mãos do próprio Machado.<sup>3</sup>

---

\* Marcelo Corrêa Sandmann, Prof. Doutor, Universidade Federal do Paraná (UFPR)

<sup>1</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis – vol.1 – aprendizado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. p. 17-18. Como indica o biógrafo, o poema foi descoberto em 1972, por José Galante de Sousa, republicado no *Jornal do Brasil*, a 25 de outubro daquele mesmo ano, e inserido no volume *Machado de Assis e outros estudos* (Editora Cátedra, 1979), do mesmo autor.

<sup>2</sup> SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955.

<sup>3</sup> ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2008.

Apesar de a poesia ocupar um lugar lateral em sua obra e de a crítica poucas vezes dedicar a ela um maior esforço de interpretação, de Machado poeta pode-se dizer tudo, menos que tenha sido poeta bissexto, ou ainda mal poeta.<sup>4</sup> Uma leitura um pouco mais atenta desse material deixado pelo escritor, bem como um cotejo com a produção de poesia que lhe é contemporânea, seja no ambiente brasileiro ou ainda no que poderíamos chamar de contexto luso-brasileiro, deixa claro que estamos diante de um grande conhecedor da tradição da poesia e das tendências poéticas de seu tempo, em língua portuguesa ou noutras literaturas, bem como de um excelente artesão do verso. É rico o repertório de temas e formas a que se dedicou, e, não fosse o patamar definitivo que atingiu com sua prosa de ficção, é provável que o poeta Machado de Assis estivesse um pouco mais na berlinda.

Mas, como não está, quem sabe não seria interessante chegar ao poeta através do prosador, num olhar em retrospecto, entrevendo numa composição um pouco mais recuada no tempo, em latência, alguns dos recursos que fariam, posteriormente, a fama do escritor. Gostaria, nesse sentido, de abordar aqui o poema “Pálida Elvira”, que integra o volume *Falenas*, o segundo livro de poesia de Machado de Assis.<sup>5</sup>

Para a grande maioria de seus leitores, o Machado definitivo é aquele que inicia, *nel mezzo del cammin*, com o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880/81) e com o volume de contos *Papéis avulsos* (1882). A despeito da variedade de seus temas, são o humor, a ironia, a sátira, a paródia, as interpelações ao leitor, bem como as ostensivas digressões cultas e metaliterárias alguns daqueles ingredientes que mais claramente definem a sua maneira madura. Reconhecemos na produção anterior, sobretudo na crônica, por vezes num ou noutro lance da prosa de ficção, alguns desses elementos, mas de forma ainda incipiente, sem a exuberância dos textos publicados a partir da década de 1880. Encontrá-los na poesia de Machado parece algo menos provável, mas eles estão lá, em momentos interessantes de sua produção.

Antes de mais nada, já que é a ficção narrativa que dá a ele o lugar privilegiado que ocupa na história da literatura brasileira, seria pertinente registrar que uma parte significativa da poesia do escritor apresenta caráter narrativo. Em *Americanas* (1875), por exemplo, com seu indianismo tardio francamente calcado no modelo de Gonçalves Dias, predominam composições impregnadas de lenda ou de matéria histórica, algumas relativamente longas, com personagens em interação e todo um entrecho mais ou menos bem desenvolvido e alinhavado.

E é de caráter narrativo, mas agora em clave francamente satírica, “O Almada”, um extenso e incompleto poema herói-cômico escrito alguns anos antes de 1879 por Machado, não muito distante, portanto, da baliza significativa representada pelas *Memórias póstumas*. Composto de oito cantos, num total de 2.149 versos (na versão que consta de sua primeira edição em livro, *Outras relíquias*, de 1910), o poema trata de episódio da história da cidade do Rio de Janeiro ocorrido em meados do séc. XVII, assunto que o escritor colheu no tomo III dos *Anais do Rio de Janeiro*, de Baltasar da Silva Lisboa. Nele, Machado segue, declaradamente, o modelo de poemas herói-cômicos como *Le Lutrin* (1673-1683), do francês Nicolas Boileau (1636-1711), e do *Hissope* (editado a partir de 1802), do árcade português Antônio Diniz da Cruz e Silva (1731-1799).<sup>6</sup> No texto de “Advertência” que antecede a obra, o escritor declarava: “Observei quanto pude o estatuto do gênero, que é parodiar o tom, o jeito e as proporções da poesia épica.” (ASSIS, 2008, p. 362) Sátira e paródia imbricam-se aqui neste gênero curioso, que faz uso da elevada dicção da epopéia

<sup>4</sup> Sobre a poesia de Machado, vale conferir, por exemplo: CURVELLO, Mario. “Falsete à Poesia de Machado de Assis”. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.; BANDEIRA, Manuel. “O Poeta”. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

<sup>5</sup> Sobre “Pálida Elvira”: CARREIRO, Diego Raphael D’Azevedo. *Entre a galhofa e a melancolia: Machado de Assis e a tradição herói-cômica*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. (tese de doutorado).

<sup>6</sup> Estas e outras informações sobre a composição podem ser lidas em SOUSA, *Bibliografia de Machado de Assis*, pp. 514-515, e em ASSIS, *Toda poesia*, “Advertência”, pp. 361-363. Ainda sobre “O Almada”: CARREIRO, *Entre a galhofa e a melancolia: Machado de Assis e a tradição herói-cômica*.

clássica, cujo modelo central em língua portuguesa são *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, para tratar de assuntos pouco elevados, quando não francamente ridículos.

E convém mencionar também, menos pelo caráter narrativo, mais por tratar-se de poesia escrita rente à prosa, a “Gazeta de Holanda”, coluna de crônicas rimadas que Machado manteve, sob o pseudônimo Malvólio, no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio, entre 1º de novembro de 1886 e 24 de fevereiro de 1888. São ao todo 48 composições em quadras, escritas em redondilhas maiores, de caráter bem humorado, comentando alguns dos assuntos da semana.<sup>7</sup> O tom geral pode ser percebido de imediato na leitura de uma delas, por exemplo, nas quadras iniciais da segunda, de 05 de novembro de 1886:

Muito custa uma notícia!  
Que ofício! E nada aparece.  
Que canseira e que perícia!  
Que andar desde que amanhece!

E tu, leitor sem entranhas,  
Exiges mais, e não vês  
Como perdemos as banhas  
Em te dar tudo o que lêes.

És assim como um janota  
De maneiras superfínas,  
Que não sabe o preço à bota  
(ASSIS, 2008, p. 450)

Centrando o foco agora em “Pálida Elvira”, é bom sublinhar, de imediato, que se trata de composição anterior a estes outros exemplos, da fase inicial da carreira de Machado, do referido livro *Falenas*, publicado em 1870. “Pálida Elvira” é um extenso poema narrativo, com 97 estâncias ao todo, todas elas rigorosamente vazadas dentro da forma da oitava-rima e em decassílabos predominante heróicos, estrofe e metro da poesia épica camoniana. Além disso, o poema mimetiza, com boa frequência, a dicção do poeta português (léxico, sintaxe, ritmo, entre outros aspectos), além de apresentar referências esporádicas a alguns versos e passagens de *Os Lusíadas*.<sup>8</sup> Na edição original de *Falenas*, logo abaixo do título, o poema recebia, entre parêntesis, a designação “conto”, retirada depois quando da publicação de *Poesias completas*. Não seria impertinente, para ressaltar o fôlego artesanal do poeta, apontar que, com seus 776 versos, o poema tinha a extensão média de todo um canto épico camoniano. Assim, a epopéia estaria para o romance como o poema em questão estaria para o conto, como parece ter ocorrido a Machado.

Resumo aqui o trecho da composição:

Elvira, “a meiga virgem, pálida e calada”, “sonhadora, ansiosa e namorada” (nos termos com que a define o poeta) (ASSIS, 1976, p. 286), devaneia de amores no quarto em que habita na casa de seu tio, o velho Antero, num vale ameno, junto à encosta de um outeiro, cercada por natureza propícia. Elvira lê e medita versos de Alphonse de Lamartine (1790-1869), justamente o poema “O Lago”, em que o

<sup>7</sup> SOUSA, *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 31.

<sup>8</sup> Explorei as referências a Camões e sua poesia na comunicação “Presença Camoniana na Poesia de Machado de Assis”, apresentada no XXI Encontro da ABRAPLIP, realizado em 2007, na USP, em São Paulo.

romântico francês evocava seus amores com uma jovem, não por acaso também chamada Elvira. A coincidência do nome e a relativa solidão em que vive fazem a moça desejar para si também um amor como aquele: “Ai, o amor de um poeta! Amor subido! / Indelével, puríssimo, exaltado, / (...) / E que através dos séculos ouvido, / O nome leva do objeto amado / (...)”. (ASSIS, 1976, p. 286)

Em contraste com Elvira, seu tio Antero, “erudito e filósofo profundo” (nas palavras do poeta) (ASSIS, 1976, p. 281), prefere a grave companhia dos clássicos gregos e latinos, ou ainda a das Sagradas Escrituras, de onde colhe exemplos que lê a Elvira. Pouco dado a devaneios românticos, censura, de modo afável e paternal, as aspirações melancólicas e juvenis da sobrinha, propondo-lhe, ao invés, ponderação e resignação diante dos desígnios da sorte.

É quando entra em cena Heitor, um jovem vindo do norte, cujo retrato nos é apresentado nas seguintes tintas: “Era um rosto poético e viçoso / Por soberbos cabelos coroado; / Grave, sem gesto algum pretensioso, / Elegante, sem ares de enfeitado; / Nos lábios frescos um sorriso amigo, / Os olhos negros e o perfil antigo.” E, logo em seguida, explicitando-se a estrela que o acompanha: “Demais, era poeta. Era-o. Trazia / Naquele olhar não sei que luz estranha / Que indicava um aluno da poesia, / Um morador da clássica montanha / Um cidadão da terra da harmonia / (...)”. (ASSIS, 1976, pp. 291-292) Chegava, portanto, o novel Lamartine daquela “pálida Elvira”, com uma carta de recomendação de seu pai, antigo conhecimento de Antero, para que este tomasse, por uns tempos, conta da educação do filho.

Os desdobramentos são os esperados. Heitor e Elvira se enamoram, com o pleno consentimento do tio. Porém, um desfecho condigno para aqueles amores só seria possível dentro da boa ordem das instituições vigentes, e é nestes termos que o poeta resolve a questão, sentencioso: “Por fugir ao naufrágio e ao sofrimento, / Tendes uma enseada, - o casamento.” (ASSIS, 1976, p. 300) “Correm os banhos, tiram-se dispensas, / Vai-se buscar um padre ao povoado; / Prepara-se o enxoval e outras pertencas / Necessárias agora ao novo estado.” (ASSIS, 1976, pp. 301-302) Em suma, prepara-se o casamento, tudo dentro dos conformes.

No entanto, repentinamente, já quase às vésperas das bodas, Heitor parte, sem dar qualquer explicação a Elvira. Atravessa os mares e vai viver longamente na Europa, em diferentes países, dedicando-se a desbragadas aventuras amorosas, com espanholas, italianas, inglesas, francesas, alemãs, qual Dom João. Ao fim e ao cabo, como seria de se prever, vem o fastio: “Um dia, enfim, cansado e aborrecido, / Acorda Heitor; e olhando em roda e ao largo, / Vê um deserto, e do prazer perdido / Resta-lhe unicamente o gosto amargo / (...)”. (ASSIS, 1976, p. 305)

Cansado e arrependido, o noivo pródigo irá voltar, tempos depois, a casa que abandonara. Ao chegar, encontra um velho de “veneranda fronte” que tem nos braços uma “gentil criança”. (ASSIS, 1976, p. 311) Heitor dá-se conta, então, de que está diante do filho que não conhecera (nem ele, nem os leitores do poema, pois a tremenda revelação é feita a todos somente a essa altura). Mas, ao tentar aproximar-se, é invectivado por Antero, que lhe revela a morte de Elvira. Heitor, desesperado, lança-se às águas do mar, em expiação.

Fosse apenas isso o poema, talvez seria ocioso dedicar-lhe maior atenção. Porém, ao lado do fôlego artesanal que nunca é demais frisar (afinal, não é qualquer poeta que se estende virtuosisticamente por 97 oitavas, sem perder o andamento), encontram-se, aqui e ali, justamente alguns daqueles recursos que identificamos como característicos da prosa madura de Machado. Se, pelo enredo, o poema é convencionalmente romântico (no sentido pejorativo que a expressão possa ter à sensibilidade contemporânea), pelo tratamento, vemos que o poeta pretende brincar com certas convenções do romantismo, de um modo satírico. O caráter autoconsciente do texto, com reiteradas digressões metaliterárias que interrompem o fluxo narrativo, atravessadas de algum humor e ironia, faz dessa composição uma peça algo atípica na poesia de Machado, sobretudo quando se tem em vista o que ele havia produzido até então dentro do gênero. Seria, portanto, conveniente aprofundar um pouco a consideração de tais aspectos a seguir.

O poema abre com uma interpelação à “leitora amiga”, já no primeiro verso, como que definindo o público preferencial a que a composição, pelo seu assunto, se destinaria. Até a sexta estrofe, o poeta apresenta-nos o quadro natural e espiritual em que se encontra inserida Elvira, bem como nos dá um retrato inicial, físico e emocional, da donzela. Na estância VII, porém, temos uma primeira quebra do clima inicialmente apresentado, com uma digressão algo impertinente:

Não me censure o crítico exigente  
O ser pálida a moça; é meu costume  
Obedecer à lei de toda a gente  
Que uma obra compõe de algum volume.  
Ora, no nosso caso, é lei vigente  
Que um descorado rosto o amor resume.  
Não tinha Miss Smolen outras cores;  
Não as possui quem sonha com amores.  
(ASSIS, 1976, p. 287)

O poeta rebate, preventivamente, as eventuais censuras de algum “crítico exigente”, chamando a atenção para o fato de que está preferindo subordinar-se, sim, a certas convenções, como a referência a Miss Smolen, personagem de poema de Alfred de Musset e modelo aqui de uma heroína romântica, vem assinalar. Afinal, são sempre pálidas as donzelas que sonham com amores em certo tipo de poesia, como a que ele agora está escrevendo. É claro que adequar-se às convenções escancarando-as é sempre um modo algo inadequado de adequar-se. Entrevê-se aqui, evidentemente, o aguilhão satírico do escritor.

Logo adiante, depois de explicitar as leituras da moça, nomeadamente a poesia de Lamartine, e o seu desejo de ser decantada por poeta de igual calibre, nova oitava vem frear o tom de lírico devaneio:

Fosse eu moça e bonita... Neste lance  
Se o meu leitor é já homem sisudo,  
Fecha tranquilamente o meu romance,  
Que não serve a recreio nem a estudo;  
Não entendendo a força nem o alcance  
De semelhante amor, condena tudo;  
Abre um volume sério, farto e enorme,  
Algumas folhas lê, boceja... e dorme.  
(ASSIS, 1976, p. 288)

Ao “crítico exigente” da digressão anterior vem substituir agora o “homem sisudo”, avesso a certa idealização do amor, como aquele a que aspira Elvira ou mesmo a “leitora amiga” do início do poema, e portanto pouco disposto a seguir adiante na leitura. Inescapável não lembrar aqui de uma daquelas “duas colunas máximas da opinião” a que se referirá Brás Cubas no segmento inicial de

*Memórias póstumas*: “Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance (...)”. (ASSIS, 1953, p. 9) São essas mesmas aparências de “puro romance” que podem levar o leitor “sisudo” do poema ou o leitor “grave” das *Memórias* a fecharem, contrariados, as obras que lêem. Ainda segundo Brás, ao “grave” contrapõe-se o leitor “frívolo”, que também não achará ali “o seu romance usual”. Já mais ao final da obra, esgotados os lances de puro romanesco e adentrando o período final de sua vida, Brás Cubas irá dirigir-se à “leitora”, eventualmente entrevista na coluna dos “frívolos”, para dizer: “E agora sinto que, se alguma dama tem seguido estas páginas, fecha o livro e não lê as restantes. Para ela extinguiu-se o interessa da minha vida, que era o amor.” (ASSIS, 1953, p. 368) São evidentes as aproximações possíveis entre o poema e o romance.

Logo que se conhecem, já a partir da primeira troca de olhares, Elvira e Heitor se apaixonam. O ritual de aproximação será mais ou menos o previsto, o que provavelmente terá levado o poeta a esta nova digressão antes de apresentá-lo: “Devo agora contar, dia por dia, / O romance dos dous? Inútil fora; / A história é sempre a mesma; não varia / A paixão de um rapaz e uma senhora.” Mas, dito isso, não pode furtar-se às expectativas criadas, e observa: “Todavia a leitora curiosa / Talvez queira saber de um incidente; / A confissão dos dous (...)”. (ASSIS, 1976, p. 295) E passa a narrar, com detalhes, toda a aproximação.

Mais adiante, deparamo-nos com nova digressão metaliterária, agora em explícita chave paródica e satírica. Depois de dirigir-se mais uma vez à leitora que o acompanha, o poeta interpela a “musa”, que chama aqui de “musa insensiva”. E, ao invés de invocá-la e solicitar o habitual favor para que leve adiante e ao cabo o seu canto, como faz, por exemplo, Camões, reverente, em cada uma das quatro invocações dispostas ao longo de *Os Lusíadas*, o poeta aqui como que censura sua musa, e dá-lhe conselhos:

Resumamos, leitora, a narrativa.  
Tanta estrofe a cantar etéreas chamadas  
Pede compensação, musa insensiva,  
Que fatigais sem pena o ouvido às damas.  
Demaís, é regra certa e positiva  
Que muitas vezes as maiores famas  
Perde-as uma ambição de tagarela;  
Musa, aprende a lição; musa, cautela!  
(ASSIS, 1976, p. 301)

São recorrentes tais inserções ao longo do fio narrativo do poema, e seria excessivo inventariá-las e comentá-las todas. As que foram apontadas dão já uma boa idéia do procedimento, e deixam claro que Machado faz aqui, como que em exercício, o que fará sistematicamente na prosa de ficção a partir de certo momento. O poema em questão é um bom exemplo das continuidades no processo de maturação artística do escritor.

E ainda uma passagem, a derradeira, e na última estrofe. Como se disse, depois que regressa de seu voluntário exílio, Heitor descobre a morte de Elvira, desespera-se e resolve dar cabo da própria vida. É nestes termos que o poeta apresenta a cena e conclui sua narrativa:

Pouco tempo depois ouviu-se um grito,  
Som de um corpo nas águas resvalado;

À flor das vagas veio um corpo aflito...  
Depois... o sol tranquilo e o mar calado.  
Depois... Aqui termina o manuscrito,  
Que ora em letra de forma é publicado.  
Nestas estrofes pálidas e mansas,  
Para te divertir de outras lembranças.  
(ASSIS, 1976, p. 313)

Se o desfecho parece um tanto anticlimático, o que dizer então do final original da composição quando da publicação de *Falenas*, que Machado reescreveu, certamente ciente do excessivo estranhamento que provocava: “Depois... Aqui termina o manuscrito, / Que me legou antigo deputado, / Homem de alma de ferro, e olhar sinistro, / Que morreu velho e nunca foi ministro.” (ASSIS, 1976, p. 313) Ao escritor pareceu que abusara um pouco da pena da galhofa. E ao poeta terá soado por demais duro e inconclusivo rimar “sinistro” e “ministro”. Preferiu deixar que ecoassem, ao cabo e melhor, umas “mansas”/“lembranças”.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. (Obras Completas de Machado de Assis)
- [2] \_\_\_\_\_. *Poesias completas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL: 1976. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 7)
- [3] \_\_\_\_\_. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2008.
- [4] BANDEIRA, Manuel. “O Poeta”. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- [5] CARREIRO, Diego Raphael D’Azevedo. *Entre a galhofa e a melancolia: Machado de Assis e a tradição herói-cômica*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. (tese de doutorado).
- [6] CURVELLO, Mario. “Falsete à Poesia de Machado de Assis”. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.
- [7] MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis – vol.1 – aprendizado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.
- [8] SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955.